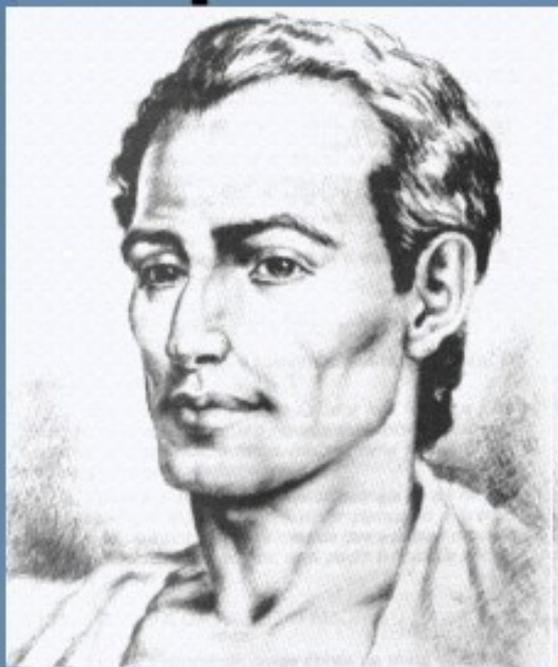


Religião dos Espíritos



Emmanuel

Psicografia - Chico Xavier

CAPÍTULO XXXIV – Responsabilidade e destino

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XXXIV)

Iniciamos o estudo da obra “Religião dos Espíritos” de Emmanuel – psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier – publicado em 1960 pela Federação Espírita Brasileira.

Nesta construção apresentaremos o próprio capítulo e complementos, visando enriquecer o conhecimento.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XXXIV)

Índice

| Assunto | Origem | Página |
|---|---------------|---------------|
| Capítulo XXXIV – Responsabilidade e destino | O Consolador | 04 |
| Complementos | | |
| O princípio de ação e reação | O Consolador | 05 |
| Flagelos e providências | O Consolador | 08 |
| Eu tenho a força | O Consolador | 10 |

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XXXIV)

Responsabilidade e destino

Reunião pública 15/05/1959

Questão 470

O Criador, que estabelece o bem de todos como lei para todas as criaturas, não cria Espírito algum para o exercício do mal.

A criatura, porém, na Terra ou fora da Terra, segundo o princípio de responsabilidade, ao transviar-se do bem, gera o mal por fecundação passageira de ignorância que ela mesma, atendendo aos ditames da consciência, extirpará do próprio caminho, em tantas existências de abençoada reparação, quantas se fizerem indispensáveis.

Deus concede ao homem os agentes da nitroglicerina e da areia e inspira-lhe a formação da, dinamite, por substância explosiva capaz de auxiliá-lo na construção de estradas e moradias, mas o artífice do progresso, quase sempre, abusa do privilégio para arrasar ou ferir, adquirindo dívidas clamorosas em sementeiras de ódio e destruição; empresta-lhe a morfina por alcaloide beneficente, a fim de acalmar-lhe a dor, entretanto, enfermo amparado, em muitas ocasiões escarnece do socorro divino, transformando-o em corrosivo entorpecente das próprias forças, com que prejudica as funções de seu corpo espiritual em largas faixas de tempo; galardoá-o com o ferro, por elemento químico flexível e tenaz, de modo a ajudá-lo na indústria e na arte, todavia, o servo da experiência, em muitas circunstâncias, converte-o no instrumento da morte, a desajustar-se em compromissos escusos, que lhe reclamam agonia e suor, em séculos numerosos; dá-lhe o ouro por metal nobre, suscetível de enriquecer-lhe o trabalho e desenvolver-lhe a cultura, mas o mordomo da posse nele talha, frequentemente, o grilhão de sovinice e miséria em que se amesquinha a si mesmo; e confere-lhe a onda radiofônica para os serviços da verdadeira fraternidade entre os povos, mas o orientador do intercâmbio, por vezes, nela transmite notas macabras, em que promove o aniquilamento de populações indefesas, agravando-se em débitos aflitivos para o futuro.

É assim que o Supremo Senhor nos cede os dons inefáveis da vida, como sejam as bênçãos do corpo e da alma e os tesouros do amor e da inteligência.

Do uso feliz ou infeliz de semelhantes talentos, resultam para nós vitória ou derrota, felicidade ou infortúnio, saúde ou moléstia, harmonia ou desequilíbrio, avanço ou retardamento nos caminhos da evolução.

Examina, pois, a ti mesmo e encontrarás a extensão e a natureza de tua dívida, pela prova que te procura ou pela tentação que padeces, porque o bem verte puro, de Deus, enquanto que o mal é obra que nos pertence — transitório fantasma de rebeldia e ilusão que criamos, ante as leis do destino, por conta própria.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XXXIV)

O princípio de ação e reação

Liberdade e responsabilidade

1. Se o homem goza da liberdade de pensar, goza igualmente da liberdade de obrar. O livre-arbítrio é apanágio da criatura humana.

Sem ele, o homem seria uma máquina.

2. Nas primeiras fases da vida, quase nula é a liberdade, que se desenvolve e muda de objeto com o desenvolvimento das faculdades do indivíduo.

A liberdade é a condição necessária da alma humana, que não poderia construir seu destino, caso não a desfrutasse.

3. A liberdade e a responsabilidade são correlativas no ser e aumentam com sua elevação. É a responsabilidade do homem que faz sua dignidade e moralidade.

Sem responsabilidade, o homem não seria mais do que um autômato, um joguete das forças ambientes.

A noção de moralidade é, pois, inseparável da de liberdade.

O livre-arbítrio

4. Quando resolvemos fazer ou deixar de fazer alguma coisa, a nossa consciência sempre nos alerta a respeito, aprovando-nos ou censurando-nos.

Apesar de essa voz íntima nos alertar, sempre usamos o que foi decidido pela nossa vontade, ou livre-arbítrio.

Nada nos coage nos momentos de decisões próprias, daí ser correto afirmar que somos responsáveis pelos nossos atos, que somos os construtores do nosso destino.

5. O livre-arbítrio pode ser desse modo, definido como a faculdade que tem o indivíduo de determinar sua própria conduta, ou seja, a possibilidade que ele tem de, entre duas ou mais razões suficientes de querer ou de agir, escolher uma delas e fazer que prevaleça sobre as outras.

6. Aceitar que seja a vida guiada por um determinismo onde todos os acontecimentos estão fatalmente preestabelecidos é raciocinar de maneira ingênua, simplória, porque, se assim fosse, o homem não seria um ser pensante, capaz de tomar resoluções e de interferir no progresso.

Seria apenas uma máquina robotizada, irresponsável, à mercê dos acontecimentos.

7. O livre-arbítrio, a livre vontade que tem o Espírito de agir, exerce-se principalmente na hora das reencarnações.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XXXIV)

Escolhendo tal família, certo meio social, ele sabe de antemão quais são as provações que o aguardam, mas compreende, igualmente, a necessidade dessas provações para desenvolver suas qualidades, curar seus defeitos, despir-se de seus preconceitos e vícios.

8. Essas provações podem ser também consequência de um passado nefasto, que é preciso reparar, e ele as aceita com resignação e confiança.

O futuro aparece-lhe, então, não em seus pormenores, mas em seus traços mais salientes, isto é, na medida em que esse futuro é a resultante de atos anteriores.

A origem dos males

9. A Doutrina Espírita ensina que de duas espécies são as vicissitudes da vida, ou, se se preferir, promanam de duas fontes bem diferentes.

Umhas têm sua causa na vida presente; outras as têm fora desta vida.

10. Remontando-se à origem dos males terrestres, reconhecer-se-á que muitos são as consequências naturais do caráter e do proceder dos que os suportam.

11. Quantos homens caem por sua própria culpa!

Quantos são vítimas de sua imprevidência, de seu orgulho e de sua ambição!

Quantos se arruinaram por falta de ordem, de perseverança, pelo mau proceder, ou por não terem sabido limitar seus desejos!

Quantas doenças e enfermidades decorrem da intemperança e dos excessos de todo gênero!

Quantos pais são infelizes com seus filhos, porque não lhes combateram desde o princípio as más tendências!

12. A quem, então, há de o homem responsabilizar por todas essas aflições, senão a si mesmo? O homem é, portanto, em grande número de casos, o causador de seus próprios infortúnios.

13. Existem, no entanto, males que se dão sem que ele, ao menos aparentemente, tenha qualquer culpa.

São dores e vicissitudes cuja origem se encontra em atos praticados em existências pgressas, como, por exemplo, os acidentes que nenhuma previsão pode impedir; os reveses da fortuna, que frustram todas as precauções ditadas pela prudência; os flagelos naturais, as enfermidades de nascença, sobretudo as que tiram a tantas pessoas os meios de ganhar a vida pelo trabalho, etc.

Ação e Reação

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XXXIV)

14. Os que nascem nessas condições, sem que tenham feito nada na atual existência para merecer tão triste sorte, colhem agora os efeitos dos seus atos do pretérito, porquanto não há sofrimento sem causa, e a lei de ação e reação, que rege a nossa vida, determina que, se somos livres na sementeira, somos escravos na colheita.

15. Deus nos permite, assim, pelo livre-arbítrio, a responsabilidade de praticar o bem ou a mal, mas, a partir do momento que decidimos o que fazer, essa **ação gera uma reação** característica, que vir, mais tarde sob a forma de colheita.

16. Explicam-se, dessa forma, pela pluralidade das existências e pela destinação da Terra, como mundo expiatório, as anomalias que apresenta a distribuição da ventura e da desventura entre os bons e os maus neste planeta.

Thiago Bernardes, O princípio de ação e reação – O Consolador – Nº 22 – 14/09/2007.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Evangelho Segundo o Espiritismo, (cap. 5, itens 4, 6 e 7).

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (itens 843, 844, 846, 847, 850, 851 e 852).

Rodolfo Calligaris, As Leis Morais, (pag. 151).

Léon Denis, O Problema do Ser, do Destino e da Dor, (pag. 342 e 346).

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XXXIV)

Flagelos e providências

Nestes últimos dias temos acompanhado pelos noticiários dos canais de televisão a desgraça e a devastação que os ventos e as chuvas têm feito, provocando alagamento de cidades, de rodovias e o deslizamento de encostas que levam de roldão o que têm pela frente: casebres, casas, palacetes, carros e transeuntes.

Temos acompanhado que a destruição tem afetado principalmente as pessoas mais pobres, as quais, para ter um pedaço de chão para viver, invadem as beiras dos riachos e as encostas dos morros.

Nossos olhares angustiados constataam os dramas trazidos pelas lágrimas daqueles que sofreram esses terríveis impactos e soluçam pela morte de filhos, pais, irmãos e amigos soterrados pela reação da natureza aos desafios do seu existir.

Seria possível a sociedade, em nosso caso, a brasileira, evitar essas catástrofes, ou é o destino, é a consequência do viver sem prudência e sem responsabilidade?

Um pesquisador desses fenômenos, em entrevista, pela televisão afirmou:

- A gente, no passado, urbanizou de forma descontrolada e visando apenas ao interesse de pessoas e grupos econômicos.

Invadimos as margens dos rios. Destruímos a vegetação que as amparavam e controlavam.

Canalizamos os rios e construímos, em nome do progresso, extensas avenidas sobre eles.

Esprememos o rio em suas margens, tomando o espaço que era dele.

Não nos preocupamos com as construções e edificamos nas baixadas, e próximo, o máximo possível das margens dos rios e riachos.

Cobrimos o solo com pedras e asfalto impedindo a água de ir para o seu âmago.

Vimos os miseráveis escalarem o sopé dos morros e equilibrarem precariamente seus barracos nesses locais, obviamente, perigosos e condenados.

Os poderes públicos não tomaram providências, e, em muitos lugares, ainda não tomam, para impedir que esses infelizes e despossuídos, em desespero de sobrevivência, assumissem riscos previsíveis.

- Uma voz clamou:

- Mas não são só pobres que provocam e sofrem os efeitos dessas catástrofes!

- Sim, não são só eles. A especulação imobiliária invade espaços vitais da natureza, e eles levantam casas e edifícios nas mesmas áreas de risco.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XXXIV)

Sabem o mal que estão fazendo, todavia, o interesse pelo lucro é maior do que o equilíbrio da natureza e a vida das pessoas.

Ouvindo essas tristes e terríveis informações, pensei: - haveria meios para conjurar esses flagelos?

Lembrei-me da Lei da Destruição, de:

O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec, na questão nº 741:

“É permitido ao homem afastar os flagelos que o torturam”?

- Em parte, sim; não, porém, como geralmente o entendem.

Muitos flagelos resultam da imprevidência do homem. À medida que adquire conhecimentos e experiências, ele os pode afastar, isto é, preveni-los, se souber pesquisar suas causas. Contudo, entre os males que afligem a Humanidade, há os de caráter geral, que estão nos desígnios da providência e dos quais cada indivíduo recebe, em maior ou menor grau, o contragolpe. O homem nada pode opor a esse tipo de flagelo, a não ser, submeter-se à vontade de Deus. Além disso, muitas vezes esses males são agravados pela negligência do próprio homem”.

A essas instruções dos Mentores Espirituais, Allan Kardec aditou:

“Entre os flagelos destruidores, naturais e independentes do homem, devem ser colocados na linha de frente a peste, a fome, as inundações, as intempéries fatais às produções da terra. Entretanto, não tem o homem encontrado nas Ciências, nas obras de arte..., meios de neutralizar, ou, pelo menos, de atenuar tantos desastres? Certas regiões, outrora assoladas por terríveis flagelos, não estão hoje livres deles? Que não fará, então, o homem pelo seu bem-estar material, quando souber aproveitar-se de todos os recursos da sua inteligência e quando, sem prejuízo da sua conservação pessoal, souber aliar o sentimento de verdadeira caridade para com os seus semelhantes?”

Parei para pensar: esses conceitos foram emitidos com a publicação do citado livro em 18 de abril de 1857.

Quanto a Ciência e a tecnologia evoluíram!... Se não afastamos grande parte desses flagelos é porque o egoísmo e a ganância ainda reinam acima da Justiça e do Amor que beneficiariam as pessoas e a coletividade.

De se lembrar que, quando o Amor não sensibiliza para o bem-estar, a dor imporá o despertar para a realidade.

Aylton Guido Coimbra Paiva, Flagelos e providências.

– O Consolador – Nº 194 – 30/01/2011

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XXXIV)

Eu tenho a força

Voltávamos de uma partida de futebol, quando meu filho caçula, Vítor, então com 9 anos, comentou.

– Pai, eu tinha uma vontade muito grande de ter poderes, quando eu era pequeno (sic). Acho que andava vendo televisão demais, programas de super-heróis ou coisa parecida. Você se lembra?

– Acho que sim, mas por que você está dizendo isso, agora? – retruquei.

Ele concluiu:

– Porque, naquele dia, você me disse que eu também tinha poderes, muito maiores que os poderes dos super-heróis: eu tinha o poder de estudar, de aprender, de lutar, de vencer...

Eu já havia me esquecido desse diálogo, mas ele, não. Suas reminiscências me levaram a escrever este artigo.

Nós temos efetivamente muitos poderes, mas não nos damos conta disso. Jesus disse que nós somos deuses, que podemos fazer muito mais do que ele fez, se quisermos. O verbo querer, nesse contexto, tem um significado próprio: tomar consciência dessa realidade e acreditar nela. Quantas pessoas redirecionam sua vida, assumem o controle de seu próprio destino, vencem vícios e tendências nefastas quando decidem mudar de forma definitiva!

Nós somos o que pensamos, e o que pensamos define a nossa vida. Alguns pensamentos nos mantêm na retaguarda espiritual:

– Eu não posso!

– Eu não consigo!

– Não aguento mais!

– Ninguém faz nada por mim!

– Ninguém me ajuda!

– Sei que não consigo!

– Estou tão cansado!

– Vivo doente!

Outros pensamentos nos libertam de posturas infelizes:

– Sou o construtor de meu destino!

– Tudo depende de mim mesmo!

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XXXIV)

– Tudo é uma questão de esforço!

– Ninguém fará por mim o que me compete fazer!

Quanto perguntado a respeito de sua saúde, Chico Xavier, que à época tomava 20 comprimidos por dia, respondia:

– Estou ótimo. Porque, se eu começo a relacionar todos os problemas que possuo, aí é que eu morro mesmo!

O Espiritismo sustenta seus princípios num ponto de partida inicial: a responsabilidade é toda pessoal. Foi dito a Kardec pelos Espíritos superiores que o assessoraram na composição de O Livro dos Espíritos:

– Depende apenas do homem apressar a própria evolução. Chega mais depressa ao alvo, quem mais se esforça. – item 117

– Não existe arrastamento para o mal que seja irresistível. O homem pode sempre vencer as suas más inclinações – item 845

– Como são poucos os que se esforçam! – item 909.

Estudar, com sinceridade, a Doutrina Espírita, é tomar ciência de nossas próprias possibilidades, armando-nos de recursos para todos os instantes da vida.

Conta-se que um anjo da guarda, cansado das lutas da vida, decidiu treinar um jovem pupilo para substituí-lo na difícil tarefa de proteger os encarnados. Certa feita, após uma lição, deu-lhe de presente um guarda-chuva. Dias depois, deu-lhe uma capa impermeável e posteriormente um par de galochas. Quando o considerou pronto para a tarefa, enviou-o para a Terra.

Ele acabara de chegar à Crosta, quando desaba um imenso temporal. Assustado, liga-se mentalmente ao professor, rogando socorro:

– Mestre, o que fazer?

E o outro, calmamente:

– Use os recursos que eu lhe dei.

Ricardo Baesso de Oliveira, Eu tenho a força – O Consolador – Nº 274 – 19/08/2012.